

Revisão Bibliográfica do Impacto dos Evangélicos e Católicos nas Eleições Presidenciais de 2018 e 2022 no Brasil

Resumo

A presente revisão pretende informar, de forma narrativa, como evangélicos e católicos influenciaram as eleições presidenciais de 2018 e 2022 no Brasil, articulando esse impacto com processos históricos desde a redemocratização, mudanças demográficas religiosas, crises políticas e culturais, crescimento do conservadorismo, uso das redes sociais e estratégias eleitorais centradas em identidade, valores e persuasão. A partir de literatura científica recente, o estudo examinará como lideranças religiosas, discursos simbólicos, mecanismos de identificação e dinâmicas comportamentais moldaram o comportamento eleitoral desses grupos, destacando convergências, divergências e transformações entre os dois pleitos, além de apontar possíveis implicações para 2026.

Abstract

This review aims to present, in a narrative form, how Evangelicals and Catholics influenced the 2018 and 2022 presidential elections in Brazil, linking this impact to historical processes since redemocratization, religious demographic changes, political and cultural crises, the rise of conservatism, the use of social media, and electoral strategies centered on identity, values, and persuasion. Drawing on recent scientific literature, the study examines how religious leaders, symbolic discourses, mechanisms of identification, and behavioral dynamics shaped the electoral behavior of these groups, highlighting convergences, divergences, and transformations between the two elections, as well as pointing to possible implications for 2026.

Introdução

É certo que desde a redemocratização, o cristianismo tem vivido alterações significativas no Brasil, com o crescimento do número de evangélicos, com a queda numérica dos católicos, com a influência que eles proporcionam no Brasil, entre diversos fatores diferentes, que exemplificam uma grande questão para a análise da sociedade brasileira atual. Nas eleições presidenciais, cada

vez mais, a ligação dos candidatos com figuras religiosas tem repercutido e retumba nos votos e eleições dos presidentes deste país.

Diante deste cenário, algumas características dos anos mais recentes precisam ser ressaltadas, pois esses eventos não são simplesmente ocasionais ou aleatórios, mas fazem parte de processos complexos e de extrema importância. Por meio das clivagens, temos visto grupos sendo atingidos pelas ideias e ideais de candidatos que os escolhem atingir, uma calcificação do eleitorado em torno de identidades sociais e censitárias, como foco, é preciso observar como o cristianismo, ou melhor, os católicos e evangélicos têm afetado o voto, apesar dos demais fatores.

Para isso, vamos observar a motivação dos votos a partir de três viés, identidade, valores e comportamento levando em conta as duas últimas eleições para Presidente da República como base para análise desse impacto cristão e sua influência nos quesitos acima citados. Evidentemente, a principal observação passará pela criação da “nova direita” ou da “onda conservadora”, que possui grande ligação com a religião evangélica e, por isso, tem chamado atenção dos pesquisadores.

Metodologia

A presente revisão bibliográfica foi elaborada a partir da leitura e análise de artigos indexados no SciELO, publicados entre 2017 e 2025, em língua portuguesa, selecionados com base nos descritores “eleição presidencial 2018”, “eleição presidencial 2022”, “católicos”, “evangélicos”, “Brasil” e “religião”. Esses termos possibilitaram a recuperação de um conjunto amplo de estudos, o que exigiu a adoção de critérios de exclusão voltados à triagem dos textos mais pertinentes ao objetivo da pesquisa. Foram, assim, priorizados os trabalhos que abordavam os impactos do cristianismo, especialmente católico e evangélico, sobre o comportamento eleitoral nas dimensões identitária, persuasiva e moral, bem como aqueles que ofereciam contextualização histórica e analítica capaz de contribuir para a compreensão dos processos observados nas eleições presidenciais de 2018 e 2022. Em contrapartida, foram excluídos os estudos que não apresentavam relação direta com essa problemática ou que não permitiam analisar, de modo consistente, a influência religiosa sobre o voto. Desse modo, constituiu-se uma revisão narrativa dos textos selecionados, buscando evidenciar suas complementaridades e eventuais divergências quanto às perspectivas adotadas.

Partindo desse pressuposto, construiremos uma compreensão coesa que mostre o que os autores têm falado dos movimentos atuais das eleições presidenciais brasileiras pelo olhar cristão, isso é, católico e evangélico. Tendo isso em vista, também serão analisadas algumas pesquisas que

mostrem tamanho dos impactos observados para que seja confeccionada uma conclusão por um direcionamento construtivo, indicado pelas diversas opiniões trazidas nos textos, sobre um possível cenário de impacto cristão na escolha presidencial de 2026.

Contextualizações e suas características específicas para análise a partir da redemocratização até a eleição de 2018

Em 2018, um comportamento distinto agiu no cenário eleitoral presidencial brasileiro, não só pela eleição de um candidato inédito e, inicialmente, improvável, mas também pela forma como essa eleição se deu por meio de um processo que começou anos antes. Sendo assim, esse processo é a participação evangélica ativa na política no Brasil, que começou na Constituinte, caminhou até a conformação de uma “bancada da Bíblia” e um dos seus últimos feitos foram os votos em Bolsonaro tanto em 2018 quanto em 2022, dados refletindo um posicionamento político claro e comum entre a grande maioria dos crentes, fato interessante é que o ex-presidente foi o primeiro candidato relevante a mencionar Deus em seu lema de campanha. (Lacerda, 2022)

“De fato, não há como entender o Brasil contemporâneo e suas mudanças radicais no campo político sem levar em consideração uma mudança no campo religioso quase tão rápida quanto a que aconteceu nos anos 1980, quando se iniciaram dois processos concomitantes: por um lado, o declínio da influência dos católicos progressistas, os quais foram terreno fértil para organizações e movimentos progressistas que transformaram o Brasil nos anos 2000; por outro, a influência política, social e cultural crescente das correntes religiosas conservadoras e, em particular, das igrejas neopentecostais.” (Pleyers, 2020)

Em 1986, os primeiros passos foram dados com a participação elevada de protestantes na Assembleia Nacional Constituinte e, no ano seguinte, um crescimento do número de membros do congresso que eram evangélicos, principalmente pentecostais, fazendo do Brasil de tradição católica começar a viver grande influência reformista. Como objetivo para a constituinte, esse grupo queria que a Bíblia e suas compreensões dela fossem a base para o país, por isso, se colocaram em participação eficiente. (Lacerda, 2022)

Um pouco adiante, na eleição de 1989, houve um alinhamento entre o candidato eleito Fernando Collor, candidato que retornava com a direita ao poder, e os pentecostais, amedrontados com a “ameaça comunista”, a qual Collor prometia combater. Nesse contexto, o embate político era com o Partido dos Trabalhadores (PT), partido declaradamente à esquerda e, por isso, tratados como

perigo e, para os protestantes seriam aqueles capazes de impedir a realização de cultos, já que estavam ligados à progressistas da igreja católica. (Lacerda, 2022)

“Pesquisa de campo de Mariano e Pierucci (1992:96) revelou que a polaridade ideológica dos candidatos finalistas, Lula à esquerda e Collor à direita, ‘praticamente não deixava outra opção à quase totalidade dos pastores pentecostais, fobicamente anticomunistas’, de modo que optaram por Collor, envolvendo-se ‘em sua campanha até a medula, não poupando esforços e argumentos para promovê-lo entre os fiéis e satanizar seu concorrente’. As inúmeras divisões denominacionais e teológicas, as rivalidades históricas, a ferrenha concorrência diária por fiéis não impediram o consenso a que chegaram quase todas as igrejas pentecostais naquele momento. ‘Elas colloriram.’” (Lacerda, 2022)

Para as eleições de 1994, o padrão foi mantido de rejeição ou desgosto a esquerda do PT, já em 1998 as posturas ainda não eram outras, apesar de não ter sido tão enfática opositora, mas em 2002 uma nova disposição se formou com a tentativa de reconciliar e o apoio realizado pela Igreja Universal do Reino de Deus a candidatura de Lula. Esse fenômeno pode ser explicado de diversas maneiras, mas idealizam um novo momento entre os cristãos e a política na eleição presidencial, pois mesmo sem clareza do que fez esse movimento ocorrer, existem diversas teorias como a incapacidade de responder aos desejos dos evangélicos, é evidente que a participação dos líderes das igrejas na “festa da democracia” é efetiva. (Lacerda, 2022; Junior; Goulart; Frias, 2021; Pleyers, 2020)

A partir de 2002, começou um movimento de apoio aos governos petistas dentro dos protestantes e esse perdurou até 2014, contando em todos os anos menos em 2014 com o apoio de alguns assembleianos também, conferindo um impacto que parecia permanente. (Lacerda, 2022) Entrementes, a população evangélica foi se tornando cada vez maior e, a cultura por ela vivida, entranhando na sociedade com a chegada das rádios, músicas e o canal de televisão protestantes. (Junior; Goulart; Frias, 2021)

“Em contextos eleitorais anteriores, lideranças religiosas haviam sido importantes cabos eleitorais para o Partido dos Trabalhadores. Um caso exemplar foi o apoio do pastor Edir Macedo (Igreja Universal do Reino de Deus) a Dilma Rousseff, em 2010. Naquela ocasião, a imagem de Dilma estava associada a defesa do aborto (...)” (Ferreira; Fuks, 2025)

Não obstante, em 2016, diante do Impeachment da ex-Presidente Dilma, claramente já não havia mais alinhamento, porque esse era apenas programático e não de ideais, portanto se tratava de uma natureza excepcional, enquanto a aliança com a direita é a norma. (Lacerda, 2022) Nesse sentido, iniciou-se a construção de uma nova situação, um movimento com grande participação dos evangélicos chamada de “onda conservadora”.

“Parcela significativa desse segmento religioso compõe o processo social de alcance mais amplo denominado no debate público de *onda conservadora*, a qual articula, em níveis diferentes, pelos menos quatro linhas de forças sociais: economicamente liberal, moralmente reguladora, securitariamente punitiva e socialmente intolerante. Nem todos os conservadores são evangélicos, nem todos os evangélicos são conservadores, mas em quais momentos, entre quem, onde e como conservadorismo e evangelismo articularam-se na crise brasileira contemporânea, que teve como um dos decantados principais a eleição de Jair Messias Bolsonaro à Presidência da República?” (Almeida, 2019)

O conservadorismo possui um conceito extremamente amplo e em conjunto compõem seu significado em um grande movimento que tende a extremismos ou não, seja na política ou na religião. No mundo, é certo que caminha para o fim da democracia liberal haja vista as eleições recentes na França, a saída protecionista do Reino Unido da União Europeia e a eleição de Donald Trump nos EUA, além da América Latina que transacionou devido a corrupção e a mudança de ideários sociais, dos anos 2000 para os anos 2010, de governos de esquerda para governos à direita (Almeida, 2019) Enquanto isso, os católicos nunca estiveram associados a um partido político, apesar de historicamente ter participação ativa como na Marcha da Família com Deus pela Liberdade e nos movimentos de esquerda do regime militar. (Ferreira; Fuks, 2025)

Por consequência desse movimento, inicia-se uma crise, momento de alta instabilidade e pouca previsibilidade, podendo haver encaminhamentos para todos os sentidos, principalmente diante da tendência extrema proporcionada. No Brasil, a crise é política, econômica, jurídica, social e cultural, pelo menos. (Almeida, 2019)

A crise política, jurídica e econômica tem como contexto o Mensalão e Petrolão somado à histórica desconfiança do político brasileiro, que junto com o processo político-jurídico da Lava Jato que envolveu a Procuradoria Geral da República (Ministério Público) e a PF trouxe instabilidade. (Junior; Goulart; Frias, 2021)

“Tudo isso aprofundou o descrédito dos políticos e da política (à esquerda, ao centro e à direita) a ponto de gerar em parte da população nas duas últimas eleições o desejo por opções vindas de fora do sistema político ou, de maneira mais radical, contrárias a ele.” (Almeida, 2019)

Já a crise cultural, deu-se nas manifestações de 2013, onde também começou com o uso das redes para articular politicamente a população e, conseqüentemente, o começo da formação das bolhas. Outra crise, a social, teve projeção nas pessoas menos engajadas, mas que observam os resultados das ações do campo político no seu cotidiano, sobretudo na economia e nos serviços públicos, muitas vezes pela TV aberta, mas, como rege as normas deste país, todos foram convocados pelas eleições obrigatórias para o “combate à corrupção”. Nesse cenário, as redes sociais se tornam

meios rápidos de disseminação de informações, fake news e memes, principalmente no WhatsApp e seus grupos privados. (Almeida, 2019)

“Os mais ufanistas, à direita do cenário ideológico, ao verem as ruas cheias, disseram que o “gigante adormecido se levantou”. Já à esquerda, e no calor da hora, [Nobre \(2013\)](#) compreendeu que aqueles eventos (“revoltas”, nos seus termos) tinham potencial político para o aprimoramento da democracia com ampliação do bem-estar social e da participação política, ao mesmo tempo que significavam uma quebra no sistema “pemedebismo”. No entanto, um ano e meio depois, em 2014, os resultados das urnas indicaram o deslocamento do eleitorado para a direita no Congresso Nacional, o que se aprofundou nas eleições de 2016, tanto nos executivos como nos legislativos municipais. No mesmo movimento, em 2018, o discurso político vencedor foi construído em oposição à velha política ou ao pemedebismo, nos termos de Nobre, em 2013. Entretanto, diferentemente de suas expectativas naquele momento, a resultante do processo político apontou para a (extrema) direita. (...)”

As primeiras expectativas quanto ao futuro após as eleições de 2018 não foram de reconciliação, ajustes ou acomodação, mas de tensão entre polos de força que ficaram bastante desproporcionais, tanto nos poderes executivos como nos legislativos federal e estaduais.” (Almeida, 2019)

Paralelamente, as movimentações progressistas de evangélicos e católicos à esquerda também existiam, principalmente com o “cristianismo de libertação”, movimento que buscava promover melhor qualidade de vida a população mais fragilizada, trazendo justiça e combatendo a desigualdade social. (Players, 2020; Cunha; Moura, 2024) Para se articularem em meio à crise, o meio de comunicação mais comum foram as redes sociais, porém, eram reprimidos pelas grandes lideranças à época, evangélicos em sua maioria, não chegando a alcançar representatividade em 2018. (Cunha; Moura, 2024)

Diante dessa ocasião de tensão entre polos, é chegada às eleições presidenciais de 2018 com muita disputa e elevada aceleração, pois o período eleitoral eleva a velocidade das decisões da população, que em meio a crise caminha aceleradamente devido a necessidade de participação da população ativamente na política. (Almeida, 2019)

Esse cenário era constituído pelo lulopetismo que tomou espaço à esquerda, devido a sua forte posição como partido com identidade clara e o único com identificação de parcela da população. Já a centro e a direita, sem a capacidade de duelar diante da ocorrência de vários eventos com candidatos e figuras do PSDB, Geraldo Alckmin não foi suficiente. Alguns menos impactantes, como João Amoedo e Cabo Daciolo, não conseguiram grande expressão no pleito político mais à direita. Tal qual Marina Silva, que apesar de inicialmente apresentar-se em terceiro, terminou em 8º o primeiro turno por ter alto índice de rejeição em ambos os lados. Em suma, encontrou-se no candidato Jair Bolsonaro, a figura desejada para enfrentamento do Lulismo e do PT, ligado ao

evangelismo, imitando apenas o Cabo Daciolo, além do discurso anticorrupção extremamente forte trazendo como símbolo a bandeira verde e amarela e as “pessoas de bem”, que reforçam o patriotismo e a busca por identificar-se com os honestos e trabalhadores, respectivamente. (Almeida, 2019)

Somado a isso, a facada colaborou para que se criasse a imagem de Bolsonaro e na sequência a chegada de Haddad para substituir Lula e a forte rejeição imediata por conta das redes sociais muito bem utilizadas pelo candidato de direita. Sendo assim, com os evangélicos já representados, suas lideranças, como Edir Macedo, declarou apoio a Bolsonaro, reconstruindo o alinhamento com a direita e construindo um primeiro candidato representando quase unissonamente todas as religiões evangélicas. (Almeida, 2019; Borges, 2024)

“O discurso era de condenação da corrupção praticada principalmente pelo PT, pelo PMDB e pelo PSDB (o candidato de São Paulo atacava só PT e PMDB); de renovação dos quadros políticos; e de manutenção da ordem pública com repressiva ação policial. (...)

Se o primeiro turno desenhou a oposição entre petismo e antipetismo (que foi capturado pelo bolsonarismo), no segundo, quase como um espelhamento, opuseram-se, na mesma medida, antipetismo e antibolsonarismo. Como as duas candidaturas tinham alta rejeição, parte do eleitorado mais atacou o oponente do que propriamente defendeu a sua opção. Já ao centro, uma parte significativa do eleitorado rejeitava ambos; mas, diante da necessidade de uma escolha, outras derivadas da polaridade apareceram nas redes digitais: os ‘antipetistas contra Bolsonaro’ e os ‘antibolsonaristas contra o PT’.” (Almeida, 2019)

Sendo assim, a corrupção era encarada como maior mal da política e jogava em maior número eleitores a se unirem com os bolsonaristas, alcançando maior parcela e consequentemente a eleição, enquanto as pautas de esquerda contra o candidato da oposição não atingiam o eleitorado ao ponto de mudarem o resultado esperado que, posteriormente, se concretizou. Além disso, tentou mostrar as consequências de uma possível nova ditadura, porém, foi pouco efetiva. (Almeida, 2019)

Por fim, as relações sociais foram alteradas com o antagonismo político, fato que mobilizou a população a aflorar as discussões, potencializados pelas redes sociais, elevando a intolerância.

“Esses são alguns dos atuais afetos mobilizados pela lógica do inimigo: o menor infrator, o gay ou a feminista e o esquerdista. Tais afetos sociais são pouco abertos às diferenças, muito voltados sobre si mesmos como medida para a vida pública e, por vezes, simbólica e fisicamente agressivos com o que renegam.” (Almeida, 2019)

Em síntese, embora a atuação de evangélicos e católicos constitua um eixo central para compreender os rumos eleitorais desde a redemocratização até 2018, a análise de seu impacto

político não pode ser dissociada de um conjunto mais amplo de fatores que moldaram o comportamento do eleitorado brasileiro. Crises econômicas, jurídicas e políticas, transformações culturais, o avanço das redes sociais como principal mediador das percepções públicas, a disseminação de desinformação, a crescente polarização ideológica, além das disputas internas dentro dos próprios campos religiosos, todos esses elementos influenciaram a forma como diferentes segmentos cristãos se posicionaram nas urnas. Assim, a força eleitoral de católicos e evangélicos deve ser lida sempre em interação com esses processos estruturais, conjunturais e comunicacionais, que reconfiguraram a dinâmica política nacional e tornaram o impacto religioso apenas uma parte, mesmo que relevante, de um cenário muito mais complexo.

Impacto nos votos por identidade

Por meio da contextualização trazida, é evidente que para conseguir a eleição um artifício foi e é muito utilizado, os candidatos buscam se identificar com os eleitores para conquistá-los e construir o seu eleitorado. A identificação é uma das principais características do chefe de Estado e de Governo e no Brasil, essa sempre foi uma maneira que os brasileiros escolhem e seguem seus presidentes e nos últimos anos isso se tornou muito evidente, inclusive dentro do escopo religioso. Uma evidência desse movimento é a campanha “irmão vota em irmão” que se baseia na ideia dos cristãos votarem em cristãos, criado em 1986, mas que perpassa a sociedade brasileira até hoje. (Cunha; Moura, 2024)

Nesse sentido, em pesquisa realizada em 2018 pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) juntamente com o Instituto Brasileiro de Opinião e Estatística (IBOPE), em sua pesquisa “Retratos da Sociedade Brasileira – Perspectivas para as Eleições de 2018”, atestou que para 79% dos brasileiros é importante que o candidato acredite em Deus, mas apenas 29% que tenham a mesma religião que os seus eleitores. Entretanto, em 2022 o Datafolha observou que

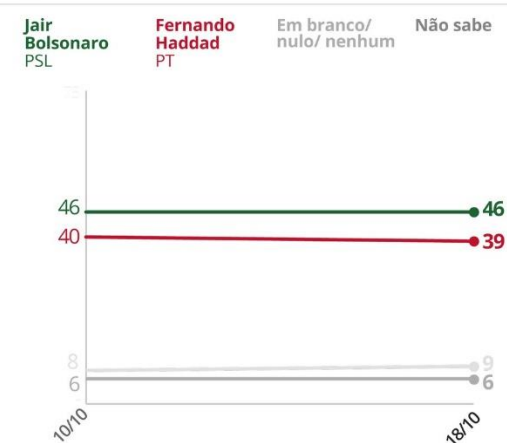
Diante das eleições de 2018, fatalmente a religião foi um fator significativo, desde o primeiro turno já era possível observar essa mobilização com a ocorrência com a candidatura do Pastor Cabo Daciolo, que apesar de resultados irrisórios, atestam uma influência evangélica na política, incluindo um candidato ao principal cargo executivo do Brasil. Além disso, o presidente que viria a ser eleito naquela ocasião, Jair Bolsonaro, declaradamente católico, que poucos anos antes, em 2016, nas águas do Rio Jordão, foi batizado pelo Pastor Everaldo, quando era filiado ao PSC (Partido Social Cristão), e teve sua candidatura apoiada pelo líder da Igreja Universal do reino de Deus, o Pastor Edir Macedo que havia declarado seu apoio ao mesmo. (Almeida, 2019) Além de seu casamento com Michele, que é batista, que comunicava com seu dialeto “crentês”. (Junior;

Goulart; Frias, 2021) Tudo isso feito por Bolsonaro, não foi por mera coincidência, mas sim uma estratégia para buscar tal identificação por meio do cumprimento de certos ritos evangélicos que o alinhava a essa religião, mesmo que não fosse até então sua origem religiosa, mas passando a ser identificado por ela, sem perder sua origem católica. (Almeida, 2017)

Enquanto isso, do outro lado é possível observar um candidato petista mais apático quanto a essa identificação religiosa, sem grandes movimentações buscando angariar votos por esse caminho, preferindo os votos unidos ao lulopetismo, que tanto vigorava àquela época, e por meio dos embates em outros campos sociais, como de valores e morais. Desse modo, com o alinhamento do ex-Presidente aos cristãos, tanto evangélicos quanto católicos, a diferença de votos tornou-se significativa, conforme as pesquisas do DataFolha e do IBOPE no período, em que os católicos votavam bem divididos entre Bolsonaro e Fernando Haddad, porém, os evangélicos em sua maioria aproximadamente de dois terços votariam naquele que identificavam. Observa-se que não foram todos, já que um terço optaria por Haddad, apesar de uma possível identificação com o outro candidato nesse quesito religioso. (Almeida, 2019)

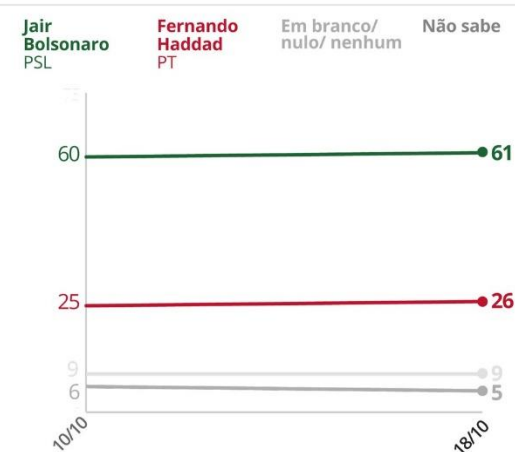
RELIGIÃO: católica

Em %



RELIGIÃO: evangélica

Em %



Fonte: Datafolha

Infográfico elaborado em: 18/10/2018



Fonte: Datafolha

Infográfico elaborado em: 18/10/2018



RELIGIÃO: católica

Em %



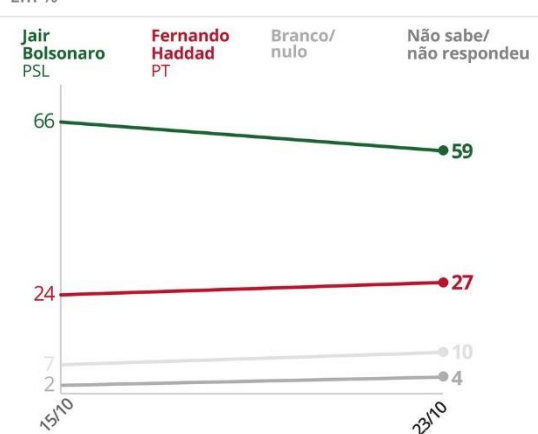
Fonte: IBOPE



Infográfico elaborado em: 23/10/2018

RELIGIÃO: evangélica

Em %



Fonte: IBOPE



Infográfico elaborado em: 23/10/2018

“A presença das religiões nos poderes da República são expressões de alguns deslocamentos na estrutura social brasileira. Os evangélicos ascenderam demograficamente e produziram seus canais políticos no Legislativo e no Executivo, mas em menor incidência no Judiciário. Eles têm demonstrado forte capacidade de indução do voto, mais do que qualquer outra religião no país. Se o voto é confiança, o vínculo religioso entre candidato e eleitor a atesta. Isso não significa que eles só votem nos “irmãos de fé”, mas o vínculo é expressivo tanto na eleição proporcional como na majoritária ([Machado, 2006](#); [Mariano, 2016](#)).” (Almeida, 2017)

Outro fator que pode ser levado em conta é o impacto que as nomenclaturas podem causar na eleição, como a utilização de termos indicados como cristãos associam políticos às igrejas evangélicas e católicas, consequentemente, conquistando maior probabilidade de receberem seus votos. (Ferreira; Fuks, 2021)

Além desses métodos, o discurso bíblico é uma forma de identificação eficiente feita pelo governo Bolsonaro, que em seu discurso em dados momentos se utilizava do livro mais importante para os evangélicos e católicos, a Bíblia, para os alcançar e se identificarem com ele, promovendo sua manutenção no poder. (Brito; França, 2024)

Dessa forma, observa-se que a dinâmica eleitoral de 2018 foi profundamente marcada pela busca de identificação religiosa como uma estratégia central de campanha, sobretudo por parte de Jair Bolsonaro, que mobilizou símbolos, rituais, discursos e alianças com lideranças cristãs para consolidar seu apelo junto a evangélicos e católicos. Enquanto isso, a candidatura de Fernando Haddad adotou postura mais discreta nesse campo, confiando sobretudo no capital político do lulopetismo. A força desse processo ficou evidente na distribuição dos votos, especialmente entre os evangélicos, cuja preferência majoritária por Bolsonaro refletiu a eficácia dessas estratégias de aproximação simbólica e retórica. Assim, o que se depreende do cenário analisado é que a identificação religiosa, expressa por práticas, linguagem, alianças e pelo próprio imaginário

construído na campanha, desempenhou papel decisivo na conformação das escolhas eleitorais, confirmando sua relevância crescente na política brasileira contemporânea, apesar de não determinante em 2022, em comparação com a eleição anterior.

Nesse sentido, na eleição entre Bolsonaro e Lula as intenções de voto variam de uma pesquisa para a outra, porém, não possuem variações tão significativas, principalmente quando se trata do segundo turno entre os dois candidatos. Segundo o Datafolha, entre católicos, Lula lidera com 54% contra 27% de Bolsonaro, já no eleitorado evangélico, o ex-presidente lidera com 51% contra 28% de Lula. Para o Instituto Inteligência em Pesquisa e Consultoria Estratégica (IPEC), antigo IBOPE, Lula tem 52% entre católicos contra 26% de Bolsonaro, enquanto no público evangélico, o cenário se inverte com Bolsonaro liderando com 48% e Lula com 31%.

Ademais, a Quaest em sua pesquisa identificou as intenções de voto no primeiro turno entre os católicos com 51% a 27% entre Lula e Bolsonaro, respectivamente, e quanto aos evangélicos, os números se repetem, porém, com a inversão dos candidatos, sendo o ex-presidente a frente do atual presidente. Em relação a pesquisa do IPESPE, 54% dos católicos votariam em Lula e 37% em Bolsonaro, por outro lado os evangélicos seriam 63% bolsonaristas e 29% lulistas.

Outrossim, de acordo com o PoderData, os católicos com o atual presidente eram 44% e 37% com o presidente a época, mas dentre os evangélicos eram 47% com o candidato do PL e 35% com o candidato petista. Por fim, o Agregador de pesquisas do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP) concluiu com um percentual de 61% dos evangélicos com Bolsonaro e 30% com Lula, valor esse que corrobora com a interpretação de que não houve grande diferença entre 2018 e 2022 nesse quesito, evidenciando ainda a presença de um antipetismo evangélico bem relevante, porém, com uma divisão menos relevante entre os católicos que desta vez estiveram menos divididos sendo metade deles com Lula, aproximadamente, e cerca de 30% com Bolsonaro.

Impacto nos votos por comportamento (persuasão)

Outra maneira que os votos são influenciados é por meio das ações de outras pessoas que geram uma nova intenção de voto, normalmente vem por pessoas que possuem autoridade, mas podem vir por efeitos sociais, como a ideia do “voto útil” que leva as pessoas a tomarem rumos diferentes diante da urna escolhendo aqueles que estão à frente nas pesquisas eleitorais. Apesar de difícil percepção, esse fenômeno é comum no Brasil, haja vista o “voto útil”, mas também de diversas outras maneiras o que colabora para constantes movimentações no período eleitoral, a principal delas, dos próprios candidatos, que por meio das campanhas tentam convencer e construir seu

eleitorado, mas não pelos seus ideais morais ou valores, nem pela identificação que provocam nos eleitores, e sim pela sua persuasão e dialética diante do cenário.

Nesse sentido, para a escolha do Presidente da República, existe de forma ainda mais evidente essa disputa dialógica com os debates televisivos, as aparições públicas discursivas e as publicações nas redes sociais, porém, também encontra grande frente dentro do Cristianismo, pela influência dos líderes nos fiéis, já que esses possuem grande impacto e acesso aos recursos informacionais e políticos. (Ferreira; Fuks, 2021) Diante disso, o impacto da religião afeta as chances de o eleitor evangélico votar em Bolsonaro, principalmente a partir das análises das eleições de 2018, mas também é grandemente influenciado pelos líderes católicos para votar em Bolsonaro (Ferreira; Fuks, 2025)

“Nesse sentido, pensar a religião pelo viés discursivo representa reconhecer que o discurso religioso não é imune, por exemplo, ao atravessamento de ideologias político-partidárias, de tal modo que também os sujeitos que se inscrevem nesse lugar discursivo devem ser tomados como constituídos por um amálgama identitário ([Moita Lopes, 2006](#)) e que, por isso, enunciam sob a égide de um atravessamento de vozes, de pontos de vista e de visões de mundo que implicam, como reforça [Bakhtin \(2016\)](#) no ensaio Os gêneros do discurso, uma diversidade de atitudes responsivas diretas e ressonâncias dialógicas.

(...) ‘enunciam, evocando vozes de um passado que lhes constitui e de um futuro que está a se realizar’ ([Guilherme, 2013](#), p. 273).” (Brito; França, 2024)

Uma das campanhas que enfatizam essa proeminência do discurso para que Bolsonaro fosse eleito é vista na campanha: “Igreja de joelho, Nação em pé”, feita pelo pastor José Wellington, para que ele e os crentes orem para que o futuro presidente fosse eleito. (Junior; Goulart; Frias, 2021)

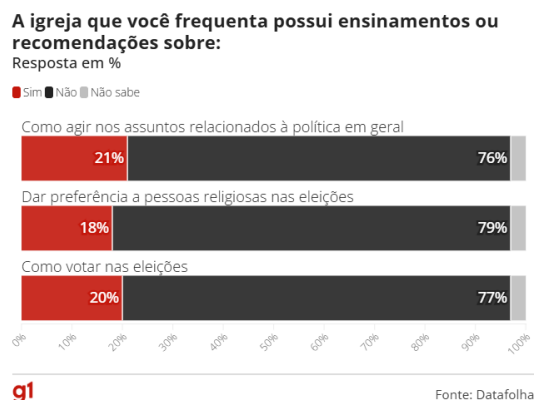
Outro fator que demonstra o quão persuasivo foram as lideranças com relação aos votos em 2018, está na análise da presença nos cultos e as intenções de votos desses que não apenas se declaram evangélicos, mas que também têm hábitos condizentes, como a frequência na igreja. Com a alta presença, está a associação às práticas da fé e o nível de relevância das opiniões políticas dos líderes, levando-os a seguirem as instruções passadas a eles. Opostamente, entre os fiéis mais seculares, ou menos integrados aos hábitos “igrejeiros”, há menos possibilidade de acompanhar os indicados dos líderes. (Ferreira; Fuks, 2021)

De contínuo, cabe ressaltar as mídias sociais como forte meio de disseminar as opiniões das autoridades religiosas, mas não é a mais relevante maneira pela qual esses atingem os fiéis, pois as mensagens propagadas dentro da igreja são ainda mais impactantes. Diante desse contexto, os líderes têm se tornado os responsáveis por direcionar votos, agindo como cabo eleitoral e formadores de opinião, já que o partidário brasileiro é fraco. Com a eleição bolsonarista de

2018, diversos desses cristãos assumiram cargos de poder, o que intensificou para a eleição seguinte o envolvimento dessas autoridades religiosas, que viam ali uma oportunidade de acesso ao sistema público mais eficaz. (Ferreira; Fuks, 2025; Graça; Souza; Borges, 2025)

Por outro lado, os líderes católicos, de acordo com o Vaticano, não podem ter correlação com a política de forma institucional, apesar de poderem ser ativos politicamente, e assim agiram em 2022, mais a esquerda, tivemos a presença do Padre Júlio Lancellotti e a direita o Padre Paulo Ricardo. Portanto, ambos, católicos e evangélicos, foram expostos a apoio de seus líderes para votar em Bolsonaro naquele ano, cerca de 10% e 30%, respectivamente, dos fiéis, a partir de estudo realizado. (Ferreira; Fuks, 2025)

Nesse sentido, uma pesquisa desenvolvida pelo instituto Datafolha evidencia o tamanho desse impacto, pois buscava analisar os impactos por comportamento observados nas igrejas pelo Brasil em 2022. Dessa maneira, confirma-se que 1 a cada 5 igrejas apresentam indicações diretas quanto a quem os seus fiéis devem votar, recomendações para a escolha dos candidatos pela religião deles ou orientações sobre como agir diante da política.



Diante desses dados, podemos concluir que 20% dos cristãos são impactados de alguma maneira, porém, não é revelado seu real impacto, isso é, quem obedece às recomendações ou indicações recebidas no centro religioso. Conforme a pesquisa, nem todos os que recebem tais direcionamentos os dá ouvidos, mas os que respondem totalmente ou em parte são 14% do total de entrevistados, com apenas 6% ignorando tais recomendações.

Ademais, essa ocorrência é maior dentre os evangélicos em comparação com os católicos, como pode-se observar pela maior ocorrência encontrada na pesquisa, confirmando a existência desse impacto e a sua maior incidência entre um grupo eleitoral em relação ao outro.

Entre evangélicos— você segue as seguintes orientações:

Resposta em %

■ Totalmente ■ Em parte ■ Não segue

Como agir nos assuntos relacionados à política em geral



Dar preferência a pessoas religiosas nas eleições



Como votar nas eleições



g1

Fonte: Datafolha

Entre católicos — você segue as seguintes orientações:

Resposta em %

■ Totalmente ■ Em parte ■ Não segue

Como agir nos assuntos relacionados à política em geral



Dar preferência a pessoas religiosas nas eleições



Como votar nas eleições



g1

Fonte: Datafolha

Além disso, durante seu mandato, o então presidente passou a maior parte dos valores de propaganda do governo para a TV Record, tirando a hegemonia da Globo que perdurava nos anos anteriores, juntamente com a os recursos encaminhados para a Igreja Sara Nossa Terra para veicular as informações. Do lado da mídia católica, houveram reuniões com os líderes para que o governo as apoiasse e eles retornassem com maior cobertura ao governo bolsonarista, inclusive com a presença de Reginaldo Manzotti, nome forte do conservadorismo católico. (Ferreira; Fuks, 2025)

Os autores Ferreira e Fuks em seu artigo de 2025, publicaram uma pesquisa que constata que há maior chance dos cristãos que escutaram seus líderes apoiando Bolsonaro terem efetuado o voto nele em 2022 e, como ambos são figuras eleitorais, conclui-se que essas lideranças são fortes cabos eleitorais de fora do jogo político, tanto evangélicos, o que já era do imaginário, quanto dos católicos. Outro dado, revela que a influência desses líderes é bem efetiva, de padres e pastores ou outra nomenclatura de liderança.

Entretanto, numa perspectiva de longo prazo, a pesquisa ressaltou que os evangélicos possuem características de uma possível clivagem política, porém, os católicos ainda não possuem, pois quando não influencia, os grupos se comportam distintamente, enquanto os reformistas tendem a votar em Bolsonaro, os contrarreformistas têm menor expectativa de votar nele. Doutra forma, quando existe a influência, observa-se uma postura dos cristãos se tornando fiéis a tal direcionamento, mas ainda há pouco tempo para admitir essa convicção.

O discurso implementado pelos evangélicos tem muita correlação com a Teologia do Domínio de Peter Wagner, que pede a reconstituição da natureza ao padrão bíblico, por meio da autoridade dada aos cristãos. Nesse sentido, para que fosse restituída a forma devida, a luta contra as forças diabólicas deveria ser vencida em todos os campos da vida humana, inclusive na política, trazendo uma demonização dos opositores como força de sua fala persuasiva e amedrontadora dos seus inferiores na igreja. (Junior; Goulart; Frias, 2021)

Por outro lado, as movimentações não foram apenas da direita cristã, mas houveram ações da esquerda cristã em busca de evitar uma reeleição, essa conquistada, que tinha como lema o amor e o fim do fascismo, por isso, apoiavam Lula. Essas foram “Ato de Amor”, “Novas”, a Bancada Evangélica Popular e o Cristãos Contra o Fascismo. (Cunha; Moura, 2024) Nesse cenário, encontram-se os exemplos de que ambos os lados estão presentes nos evangélicos ao analisarmos os Pastores André Valadão, fortemente conservador, Henrique Vieira e Ed René Kivitz, mais progressistas. (Brito; França, 2024)

Os elementos analisados demonstram que a influência religiosa desempenhou papel central nas eleições de 2018 e 2022, especialmente pela força discursiva de líderes evangélicos e católicos que, atuando como cabos eleitorais externos ao sistema partidário, moldaram percepções, orientaram votos e preencheram lacunas deixadas pelo frágil partidarismo brasileiro. Embora os evangélicos apresentem sinais de formação de uma possível clivagem política de longo prazo, entre os católicos essa influência permanece mais conjuntural, ainda que relevante. Assim, a intersecção entre discurso religioso, autoridade espiritual e comunicação, tanto litúrgica quanto midiática, revela que a religião opera como espaço privilegiado de construção de sentidos políticos, capaz de tanto reforçar projetos conservadores quanto mobilizar movimentos progressistas, apesar de estes ainda serem bem menos impactantes. Esse cenário evidencia que o envolvimento religioso na política brasileira não apenas marcou os processos eleitorais recentes, mas também tende a continuar moldando o comportamento político dos fiéis nos anos vindouros.

Em outro cenário, foi feita uma pesquisa sobre a eleição de 2018 em que foi possível identificar alguns fatos como a maior probabilidade de ser atingido por opinião das lideranças se for pentecostal em relação aos católicos, sendo esse mais tradicional ou não, e quanto mais presente nos cultos, há 29% a mais de possibilidade de terem sido influenciados a votarem em Jair Bolsonaro, pois aprovam mais essa influência exercidas neles, ainda mais se forem pessoas interessadas em política. Além de ter identificado a opinião dos padres como grandes impactantes nos votos católicos.

Impacto nos votos por valores/moralidade

Em congruência ao contexto de muita disputa entre lados (direita e esquerda), os valores e a moralidade têm se tornado um grande fator observado pela população para escolha dos votos, muito além do que eles falam, mas incluindo o que fazem. Isso é evidenciado pelas diversas fake news que tentam manipular a escolha dos votos com notícias mentirosas que comprometem a integridade dos candidatos. Dessa forma, cada vez mais é preciso um olhar atento para qual

candidato segue e quer reproduzir os mesmos valores e consciência moral que o eleitor, como a identificação dos “cidadãos de bem”. O nome dado a esse processo é assepsia simbólica, a qual provoca uma identificação com o candidato que se diferencia do candidato ao qual ele está “atacando” para combater sua corrupção ou problema. Assim, como resultado, projetando em si desejos e expectativas. (Almeida, 2019; Borges, 2024)

“Na verdade, o instrumento tecnológico foi usado preferencialmente para deslegitimar adversários, aumentando-lhes a rejeição. O principal efeito, que ainda precisa ser mais bem investigado, foi colocar em suspeição as informações dos grandes meios de comunicação e dar crédito às informações vindas das redes fechadas e ancoradas em relações de confiança e proximidade. Sobreposta aos vínculos pelos quais se propagam mais eficazmente rumores e fofocas, a comunicação via WhatsApp valeu-se de fake news, termo em inglês rapidamente popularizado em todos os diferentes estratos sociais, para desconstruir adversários ou gerar dúvidas sobre eles.” (Almeida, 2019)

Entretanto, para a escolha de alguém que estará à frente do país, tem sido cada vez mais complexo fazer tais análises, tanto pelas desinformações compartilhadas, quanto pela exposição que estão levando a escolhas por aproximações. Com isso, a aproximação desses conceitos com os religiosos cristãos, tornam essas escolhas impactadas de forma mais eficaz, sendo uma alavanca necessária para as candidaturas alcançarem votação expressiva.

Bolsonaro articulou com a bancada evangélica e com os evangélicos que são extremamente contrários a ideais como “ideologia de gênero”, gerando uma sensação de ameaça do PT, já que essas eram ideias advindas deles. (Almeida, 2019)

Por conta do contexto econômico, o discurso que passava por essa área alegando o Estado mínimo, já que as políticas sociais anteriores não atingiam de forma positiva os cidadãos, mas os fidelizava e acomodava, pois nem todos possuíam os critérios de vulnerabilidade necessários. Somado a isso, os neopentecostais creem na teologia da prosperidade, junto com outros evangélicos, motivam os fiéis a se desenvolverem financeiramente, sendo uma grande aliada no discurso da menor participação do governo na economia para que possam fugir da pobreza, acumularem material e terem mobilidade social, principalmente os de classe média e baixa. O Estado mínimo aqui se trata de menos corrupção, privilégios e morosidade do serviço público, não no fim das suas ações de saúde, saneamento, entre outras exigências necessárias, como é costume da agenda neoliberal. (Almeida, 2019; Almeida, 2017)

Quanto ao contexto moral e dos costumes, frente às movimentações transformadoras recentes, a reação veio a partir do movimento evangélico que age no campo público para discutir questões

reprodutivas e sexuais, principalmente no campo do Estado. Nesse contexto, o Catolicismo não abandona as questões morais, quanto ao corpo, a sexualidade e gênero, apesar da postura receptiva implementada pelo Papa Francisco para conter a perda numérica de fiéis, elas ainda são discussões em pauta dentro da igreja e na realização de pesquisas, apesar de não serem, no Brasil, o principal propositor dessas arguições, posição ocupada pelos evangélicos, ambos trabalhando para evitar o secularismo invadindo os valores e comportamentos sociais. (Almeida, 2017) Nesse escopo, observa-se também o posicionamento político quanto à ideologia de gênero, que os católicos e evangélicos tentam impedir a disseminação, como no combate aos ideários feministas, reforçando a ideia da “família tradicional”. (Biroli; Tatagiba; Quintela, 2024)

Outra força se encontra nas políticas de segurança, que são grandemente apoiadas pelos evangélicos, aumentando o impacto do Estado diante dos criminosos e juntamente com a bancada da Bíblia agem para que tais ações ocorram. Medidas como a redução da maioridade penal, a Lei do desarmamento, Lei antiterror, política de encarceramento, entre outras, são formas que os evangélicos têm tentado alcançar maior segurança e, conseqüentemente, passam pelos discursos dos candidatos que os apoiam. (Almeida, 2019; Almeida, 2017)

Desta forma, ao assumir a presidência em 2018, Jair Bolsonaro aproximou imediatamente os denominados cristãos de seu governo, com aparelhamento de cristãos nos cargos públicos comissionado e a propagação desse ideal da maioria dos brasileiros como o padrão moral a ser vigente em detrimento a minoria, somado a sua “cruzada moral” e a luta pela manutenção “família tradicional”. Assim como, a disseminação da ideia no meio católico e evangélico de que “governos à esquerda” causariam perseguição aos cristãos, como na Nicarágua, fazendo o terror ao partido rival visto à esquerda (PT). (Ferreira; Fuks, 2025) Esse comportamento também foi feito por José Antônio Kast no Chile, que alinhado ao posicionamento religioso conservador, apoiava pautas punitivistas e dos valores tradicionais. (Borges, 2024)

Com esse discurso, a conjuntura de ações morais e de valores cristãos implementados pelos líderes da religião em questão, passaram a acentuar um sentimento extremamente disseminado na sociedade, o “antipetismo”, pois em diversas análises é perceptível que as pautas de ambos os grupos (cristãos e petistas) são opostas e, conseqüentemente, os fazem opositores políticos. Adversativamente, nem sempre a motivação era pensando na população, mas sim na manutenção dos seus “empreendimentos de fé”, que são sustentados pelo dinheiro e benefícios advindos da população pela doação ou pelo poder público com as leis e vantagens disponibilizadas, porém, insatisfeitos com a oferta governamental fizeram oposição. (Junior; Goulart; Frias, 2021)

Em menor escala, mas presente na sociedade evangélica brasileira, é possível observar discursos que buscam atingir valores e moralidades cristãs que apontam para o movimento progressista, como enfatizam os Pastores Henrique Vieira e Ed René Kivitz. Entretanto, a disputa por esse

espaço é muito evidente, pois na direita brasileira existe o discurso que excomunga ou acusa de heresia a postura diferente, proporcionando um ambiente de mais disputa e polarização, inclusive no meio cristão, apesar da clara vantagem conservadora ainda existente. (Brito; França, 2024)

Diante desse cenário, percebe-se que valores e moralidades passaram a ocupar posição central na decisão eleitoral brasileira, especialmente quando mediados por discursos religiosos e amplificados por mecanismos de desinformação. A associação entre pautas conservadoras, defesa da “família tradicional”, críticas à ideologia de gênero e a promessa de segurança pública aproximou grande parte do eleitorado cristão das candidaturas alinhadas à direita, particularmente do bolsonarismo, cuja narrativa moralizante encontrou forte ressonância entre evangélicos e, em menor medida, entre católicos. Ao mesmo tempo, ainda que vozes progressistas existam dentro do campo religioso, elas operam em desvantagem diante da força institucional, simbólica e política dos setores conservadores. Assim, a política brasileira recente revela que as disputas eleitorais ultrapassam propostas governamentais e se começaram a ancorar profundamente em identidades morais e religiosas, tornando o discurso espiritual um elemento estruturante da disputa pública e um possível fator decisivo de mobilização e polarização.

Além disso, em pesquisa realizada em 2018 foi identificado alguns fatores morais que são significativos para a análise desses fatos, pois buscaram compreender a ligação entre os evangélicos e suas opiniões quanto ao aborto e ao casamento de pessoas do mesmo sexo. De acordo com essa pesquisa, quanto ao aborto não foi identificada grande diferença de opinião para os evangélicos em relação as demais religiões, o que indica não haver grande relação desse fato ao voto bolsonarista, pois tal opinião é difundida igualmente entre as religiões. Entretanto, ao analisar os evangélicos quanto ao que pensam sobre o casamento entre pessoas do mesmo sexo, foi possível perceber que há correlação entre os votos conservadores evangélicos (principalmente pentecostais) em Bolsonaro e esse alinhamento de opinião sobre casamento homossexuais.

Considerações Finais

Diante da igualdade técnica apresentada nas intenções de voto na pesquisa do DataFolha dos católicos, o grupo que, principalmente, diferenciou efetivamente na quantidade de votos foram os evangélicos devido as pautas voltadas aos costumes, a ameaça comunista e a honestidade das “pessoas de bem” somadas as demandas econômicas por conta da crise do momento que “exigiam” algo novo a frente do governo. Apesar disso, é certo destacar que um terço dos evangélicos tinha intenção de votar em Haddad (Almeida, 2019)

“Ao adotar essas estratégias políticas, Bolsonaro fortaleceu o seu vínculo tanto com as lideranças religiosas como com o público cristão de maneira geral, mas, em especial, com os evangélicos.

Foram quatro anos lembrando esses eleitores de que ele entendia os seus anseios e de que era o verdadeiro representante de seus interesses e valores. Tais ideias ressoaram durante os cultos. Ao construir essa imagem, conseguiu mobilizar ainda mais o apoio das lideranças religiosas.” (Ferreira; Fuks, 2025)

Com o panorama histórico e analítico apresentado, torna-se evidente que o comportamento eleitoral de católicos e evangélicos não apenas moldou as disputas passadas de 2018 e 2022, mas tende a estruturar de forma ainda mais nítida o cenário de 2026. A convergência entre identidade religiosa, discursos morais, estratégias de identificação simbólica e forte capacidade de persuasão das lideranças produziu um campo propício ao surgimento de uma clivagem cristã, ainda que internamente apresente sinais de heterogeneidade. A eleição de 2018 marcou o ápice dessa articulação, com evangélicos atuando como vetor determinante na vitória bolsonarista, enquanto os católicos se dividiram e evidenciaram maior pluralidade de comportamentos políticos. Mesmo assim, ambos os grupos revelaram sensibilidade a discursos sobre costumes, corrupção, segurança e defesa de valores tradicionais, pilares que seguem mobilizáveis em 2026.

Nesse contexto, a disputa presidencial futura deve encontrar no eleitorado cristão um dos seus principais eixos estruturantes, mas não de forma automática ou homogênea. A crescente pluralização interna das igrejas, a reorganização das lideranças, a atuação dos cristãos nas redes e a recomposição de alianças políticas tornam provável que a religião volte a desempenhar papel decisivo, seja como catalisadora de identidades políticas, seja como mediadora de valores e comportamentos eleitorais. Assim, a depender da capacidade dos candidatos de se aproximarem das demandas cristãs sem ignorar a complexidade desse segmento, os cristãos podem sim emergir como uma clivagem eleitoral robusta em 2026, influenciando não apenas preferências individuais, mas a própria dinâmica nacional de competição política.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Ronaldo de. **A onda quebrada: evangélicos e conservadorismo**. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 50, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18094449201700500001>. Acesso em: 23 jun. 2026.

ALMEIDA, Ronaldo de. **Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira**. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 185-213, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.25091/S01013300201900010010>. Acesso em: 23 jun. 2026.

BBC NEWS BRASIL. **Evangélicos e eleições: por que Bolsonaro tem apoio tão forte entre esse grupo**. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62896472>. Acesso em: 23 jun. 2026.

BIROLI, Flávia; TATAGIBA, Luciana; QUINTELA, Débora Françolin. **Reações à igualdade de gênero e ocupação do Estado no governo Bolsonaro (2019-2022).** *Opinião Pública*, Campinas, v. 30, p. 1-32, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-019120243013>. Acesso em: 23 jun. 2026.

BORGES, André. **As duas faces da nova direita brasileira: antipolítica e reação conservadora.** *Opinião Pública*, Campinas, v. 30, p. e3018, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-019120243018>. Acesso em: 23 jun. 2026.

BRITO, Cristiane Carvalho de Paula; FRANÇA, Thyago Madeira. **Religião e política: embate de sentidos sobre a fé evangélica em posts de pastores no Instagram.** *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, São Paulo, v. 19, n. 2, abr./jun. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2176-4573p63391>. Acesso em: 23 jun. 2026.

CENTRO DE ESTUDOS DE OPINIÃO PÚBLICA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. **Sobre balas, bíblias e modelos estatísticos: explorando atalhos eleitorais.** *Opinião Pública*, Campinas, v. 31, p. 1-?, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0191202531107>. Acesso em: 23 jun. 2026.

CNN BRASIL. **Bolsonaro tem 51% entre evangélicos e Lula, 27%, segundo pesquisa Quaest.** 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsonaro-tem-51-entre-evangelicos-e-lula-27-segundo-pesquisa-quaest/>. Acesso em: 23 jun. 2026.

CUNHA, Christina Vital da; MOURA, João. **Evangélicos à esquerda diante da alvorada bolsonarista: o caso das eleições de 2020 e 2022 no Brasil.** *Mediações: Revista de Ciências Sociais*, Londrina, v. 29, n. 3, p. 1-18, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.5433/2176-6665.2024v29n3e51038>. Acesso em: 23 jun. 2026.

DATAFOLHA: 1 em cada 5 eleitores religiosos dizem ouvir instruções sobre voto nas igrejas. *G1*, 28 jun. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/pesquisa-eleitoral/noticia/2022/06/28/datafolha-1-em-cada-5-eleitores-religiosos-dizem-ouvir-instrucoes-sobre-voto-nas-igrejas.ghtml>. Acesso em: 23 jun. 2026.

FERREIRA, Matheus Gomes Mendonça. **O voto dos evangélicos em Bolsonaro em 2018: identidade, valores e lideranças religiosas.** 2022. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

FERREIRA, Matheus Gomes Mendonça; FUKS, Mario. **Lideranças religiosas e o voto em Bolsonaro em 2022.** *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, n. 44, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-3352.2025.44.290090>. Acesso em: 23 jun. 2026.

FERREIRA, Matheus Gomes Mendonça; FUKS, Mario. **O hábito de frequentar cultos como mecanismo de mobilização eleitoral: o voto evangélico em Bolsonaro em 2018.** *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, n. 34, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-3352.2021.34.238866>. Acesso em: 23 jun. 2026.

GRACINO JUNIOR, Paulo; GOULART, Mayra; FRIAS, Paula. **Os humilhados serão exaltados: ressentimento e adesão evangélica ao bolsonarismo.** *Cadernos Metrópole*, São Paulo, v. 23, n. 51, p. 547-579, maio/ago. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2236-9996.2021-5105>. Acesso em: 23 jun. 2026.

INSTITUTO IPESPE. **Pesquisa IPESPE: avaliação presidencial e eleição 2022.** Recife: IPESPE, 2022. Disponível em: https://ipespe.org.br/wp-content/uploads/2022/10/PESQUISA-IPESPE-AVALIAC%CC%A7A%CC%83O-PRESIDENCIAL-E-ELEIC%CC%A7A%CC%83O-2022_-13-OUTUBRO-2022.pdf. Acesso em: 23 jun. 2026.

LACERDA, Fábio. **Contra o comunismo demoníaco: o apoio evangélico ao regime militar brasileiro e seu paralelo com o endosso da direita cristã ao governo Bolsonaro.** *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 42, n. 1, p. 153-176, jan./abr. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0100-85872021v42n1cap07>. Acesso em: 23 jun. 2026.

MEDEIROS, Vítor Queiroz de. **Máscaras para Lúcifer? Ponderações sobre o voto evangélico.** *Congresso em Foco*, 6 nov. 2022. Disponível em: <https://www.congressoemfoco.com.br/coluna/29753/mascaras-para-lucifer-ponderacoes-sobre-o-voto-evangelico>. Acesso em: 23 jun. 2026.

PLEYERS, Geoffrey. A “guerra dos deuses” no Brasil: da teologia da libertação à eleição de Bolsonaro. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 41, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ES.233566>. Acesso em: 23 jun. 2026.